

O FUNCIONAMENTO DA MEMÓRIA DISCURSIVA NA CONSTITUIÇÃO DO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO COMUM (VOC).

VALÉRIA SCHWUCHOW¹; VERLI PETRI²

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – valeriadecassias@hotmail.com¹
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – verli.petri72@gmail.com²

1. INTRODUÇÃO

Para este trabalho nosso tema é pensar a memória discursiva no funcionamento do Vocabulário Ortográfico Comum (VOC). Previsto pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AO) de 1990, o Vocabulário Ortográfico Comum (VOC) é uma plataforma disponível no meio digital. O site abriga vocabulários dos países membros da CPLP (Comunidade dos Países da Língua Portuguesa), reunidos porque possuem a língua portuguesa como língua oficial, são eles: Brasil, Portugal, Timor-Leste, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Salientamos que a questão apontada faz parte de reflexões iniciais da dissertação que estamos desenvolvendo e que se encontra em fase inicial.

Nossa pesquisa se fundamenta nas teorias: Análise de Discurso Francesa, a partir de Michel Pêcheux, considerando também os autores que desenvolvem pesquisas nesta linha no Brasil; e, História das Ideias Linguísticas, a partir de Sylvain Auroux e autores brasileiros que discutem esta teoria. A Análise de Discurso tem como objeto o próprio discurso e investiga o funcionamento da língua na produção de sentidos. Enquanto, a teoria da História das Ideias Linguísticas, de modo sumário, permite-nos pensar os saberes metalinguísticos (Auroux, 1992), isto é, saberes produzidos a partir da metalinguagem, que são a gramática e o dicionário. No nosso caso, o interesse recai nos dicionários para refletirmos sobre a produção e funcionamento dos vocabulários. A articulação da Análise de Discurso com a História das Ideias Linguísticas nos proporciona “não a reconstrução de uma história, mas o processo pelo qual ela se conta” (ORLANDI, 2013, p. 12).

Desse modo, objetivamos investigar a memória discursiva dos vocabulários ortográficos brasileiro e português, para isso recortamos o vocábulo ‘língua’ nos referidos vocabulários ortográficos. O conceito de memória que seguimos não abrange a memória pelo viés cognitivo, mas sim a entendemos como “memória social, coletiva, em sua relação com a linguagem e a história” (COURTINE, 2006, p. 2).

2. METODOLOGIA

Dispomos para nossa pesquisa de um arquivo, que de acordo com a noção discursiva nos possibilita pensar a produção dos sentidos, este é composto dos vocabulários disponíveis na plataforma VOC. A exploração destes nos permite construir um *corpus* com os vocabulários ortográficos do Brasil e de Portugal. A partir dos *corpora* selecionados mobilizamos recortes, ou seja, trechos discursivos relevantes para as análises do processo discursivo, que neste caso é o léxico ‘língua’.

Considerando a perspectiva discursiva, nossa análise se pauta por procedimentos pensados a partir de Orlandi (2009). Desse modo, num primeiro gesto temos a organização do corpus e a seleção dos recortes. A seguir, num segundo gesto, mobilizamos o dispositivo teórico da Análise de Discurso Francesa, estabelecendo as relações entre língua, e memória nos recortes. Com estes gestos refletimos sobre a memória discursiva e os efeitos de sentidos da palavra ‘língua’ nos diferentes vocabulários.

Nossa análise considera a memória discursiva como aquela que comprehende os dizeres que derivam de uma contingência histórica própria, sendo atualizada ou esquecida conforme o processo discursivo, assim ela é algo que fala sempre, antes, em outro lugar. (PÈCHEUX, 2010). Desse modo, refletimos acerca da memoria discursiva posta no vocábulo ‘língua’, pensando para isso a história, a memória e as condições de produção dos vocabulários em questão. Movimentamos os sentidos e as noções da Análise de Discurso para passar do texto para o discurso e, assim, observarmos o funcionamento do discurso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendemos que a relação dos sujeitos com a sua língua se dá de modos diferentes, embora eles tenham a mesma língua oficial (português), as relações de pertencimento com a língua são próprias de cada nação. Conforme (MEDEIROS, 2012), a elaboração de um glossário, e no nosso caso vocabulários de diferentes países, produz tensões na língua, “tensões que dizem do sujeito na relação com a língua e que dizem da língua que vai sendo construída como língua imaginária de uma nação” (MEDEIROS, 2012, p. 145). Desse modo, nos diferentes vocabulários do VOC encontramos esta tensão quando na construção da língua imaginária, que “são as línguas-sistemas, normas, coerções, as línguas-instituição, estáveis em suas unidades e variações” (ORLANDI, 2009a, p.18), se constrói também a língua nacional, isso ocorre no momento em se inclui o que está fora, na língua fluida, que “é a língua movimento, mudança contínua, a que não pode ser contida em arcabouços e fórmulas, não se deixa immobilizar, a que vai além das normas” (ORLANDI, 2009a, p.18). Nesse viés, ao descrever a língua da norma, a língua em uso vai sendo também descrita, temos nesse processo de colocação da palavra no vocabulário a instauração de uma língua própria de cada país.

Trazemos a seguir os recortes selecionados, em que podemos visualizar a palavra ‘língua’ no masculino e no feminino presente nos dois vocabulários, o brasileiro e o português, como segue.

Entrada da palavra ‘língua’ nos vocabulários brasileiro e português.

Língua - masculino (lín·gua)

| | |
|----------|---------|
| Singular | língua |
| Plural | línguas |

Língua - feminino (lín·gu-a)

| | |
|----------|---------|
| singular | língua |
| plural | línguas |

Fontes

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - Brasil
Vocabulário Ortográfico do Português - Portugal

Corpus Brasileiro: [alta](#)

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - Brasil
Vocabulário Ortográfico do Português - Portugal

Corpus Moçambicano: [alta](#)
Corpus Português: [alta](#)

4. CONCLUSÕES

Observamos que a forma no masculino mesmo não sendo de uso comum atualmente, ela se faz presente tanto no vocabulário do Brasil quanto no de Portugal. Pensamos que elas coexistem no VOC, porque segundo Nunes (2006) os vocabulários, como os dicionários e glossários são lugares de memória; Medeiros e Petri (2013), acrescentam que a memória que se faz presente nos glossários, e no nosso caso nos vocabulários, instaurando apagamentos, deslocamentos, interditos e desvãos, resultando em uma preservação das formas nacionais, ou seja, aquelas formas restritas a uma nação.

Desse modo, entendemos que a palavra ‘língua’ no masculino parte da memória da língua portuguesa, resgatando o período da colonização em que tínhamos os intérpretes portugueses, ou ‘os línguas’. Estes eram selecionados pelo império português com a finalidade de facilitar a comunicação entre os portugueses e os povos conquistados. ‘Os línguas’ se fizeram presentes também no Brasil quando ocorre a imposição da língua portuguesa pelo colonizador, instaurada por um processo ideológico forçado de ideias linguísticas de Portugal (MARIANI, 2004).

Ressaltamos, ainda, o funcionamento da palavra, tanto no gênero masculino como no gênero feminino, em que a presença do vocábulo no masculino se restringe ao corpus brasileiro, sendo alto o índice de seu uso; por outro lado, os vocabulários apagam o uso desta palavra no gênero feminino no Brasil. Com isto compreendemos um efeito da memória discursiva, que possibilita retomadas discursivas anteriores (PÊCHEUX, 2010), no resgate de ‘o língua’ (masculino), colocada em funcionamento nestes vocabulários, aludindo ainda a uma colonização linguística (MARIANI, 2004) quando os vocabulários resgatam a partir da entrada no masculino, como sendo utilizada no Brasil, em oposição a mesma palavra no feminino, produzindo um apagamento deste uso neste país.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

COURTINE, J.J. **O tecido da memória**: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. Revista Polifonia, v.12, n 2. 2006.

MARIANI, B. **Colonização linguística**: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas: Pontes Editores, 2004.

MEDEIROS, V. **Um glossário contemporâneo: a língua merece que se lute por ela**. Rua [online]. Campinas, v. 2, n. 18, p. 19-43, nov. 2012.

NUNES, J.H. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes Editores; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8^a edição. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas: RG, 2009a.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PETRI, V.; MEDEIROS, V. **Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros**. Revista Letras, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 43-66, jan./jun., 2013.